



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10054 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT06 - Educação Popular

RELAÇÕES DE IDENTIDADES E PERTENCIMENTOS NA/COM A CIDADE:
EXPERIÊNCIAS URBANAS E POLÍTICAS NA PESQUISA COM CRIANÇAS

Cintia Larangeira - UERJ/FFP - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: Capes

RELAÇÕES DE IDENTIDADES E PERTENCIMENTOS NA/COM A CIDADE: EXPERIÊNCIAS URBANAS E POLÍTICAS NA PESQUISA COM CRIANÇAS

RESUMO: o presente trabalho traz o recorte de experiência de uma pesquisa que teve como objetivo investigar a relação de infâncias com uma cidade periférica da Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, compreendendo o processo de construção de relações de identidades e pertencimentos de crianças de um condomínio construído a partir de políticas públicas de reassentamento. Buscou-se uma investigação cúmplice de abordagem qualitativa, etnográfica, pela qual crianças, partícipes da investigação e da produção de saberes outros, são compreendidas como sujeitos de direito, com o aporte da Sociologia da Infância. Destaca-se essa experiência pela riqueza das ações micropolíticas tecidas pelas crianças cotidianamente em diálogo com a literatura e as múltiplas interpretações do espaço urbano possíveis.

Palavras-chave: Infâncias e cidade; Recém-chegado; Educabilidade; Identidades e pertencimentos.

Ah, a rua! Só falam de tirar as crianças da rua.
Para sempre? Eu sonho com as ruas cheias delas.
É perigosa, dizem: violência, drogas... E nós adultos
Quem nos livrará do perigo urbano?
De quem eram as ruas? Da polícia e dos bandidos?
Vejo por outro ângulo: um dia devolver a rua às crianças
Ou devolver as crianças às ruas;
Ficariam, ambas, muito alegres.
Paulo Freire

A escritura de um texto parece, muitas vezes, ser acompanhada da dificuldade de ordenarmos as palavras de maneira a tecer um diálogo com diferentes pessoas as quais possamos nem mesmo conhecer. A pesquisa apresentada, em fase de conclusão, começou a ser ordenada traçando uma *linha muito desalinhada* (MASSERA, 2015), tecendo o desafio de apresentar uma pesquisa feita com crianças sobre suas relações de identidades e pertencimentos com a cidade.

Tomando essa *linha muito desalinhada e curiosa* para passear por uma cidade, vendo *o que as pessoas faziam* em seus passeios, nas caronas, nos desvios, nas misturas e nos descansos que a própria vida se encarregou de tecer, encontramos um profícuo campo de pesquisa enquanto trabalho intencional e sistemático de produção e conhecimento sobre a cidade e suas infâncias.

Assim, a presente pesquisa teceu-se com o objetivo principal de investigar a relação de infâncias com uma cidade periférica da Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, trazendo como delimitação o processo de construção de relações de identidades e pertencimentos de crianças de um condomínio, localizado nessa cidade, após a mudança de seus outros bairros (territórios de pertencimento) - no que vem se entendendo como um processo de migração forçada – a partir de políticas públicas de reassentamento.

Buscou-se uma investigação cúmplice de abordagem qualitativa, etnográfica, pela qual crianças, partícipes da investigação e da produção de saberes outros, são compreendidas como sujeitos de direito, com o aporte, principalmente, da Sociologia da Infância. Autoras e autores como Castro (2013), Lefebvre (2001), Arendt (1997), Benjamin (1987), entre outras e outros, auxiliaram a pensar as experiências de encontros e desencontros – especialmente, a partir do advento da pandemia que atravessou a pesquisa no meio de seu processo. Assim como, refletir sobre as relações das crianças e seus contextos de ação política, nos espaços coletivos públicos, reafirmando a constante tensão entre sua formação para cidadania e as relações entre os diferentes grupos etários; principalmente ao sofrerem, para além de uma mudança, a interrupção da pesquisa, ocasionando um desvio no conjunto de interlocutores e também nas geografias experienciadas no percurso da investigação.

Os conceitos do “recém-chegado” (ARENDR, 1997), pensando a criança como a estrangeira, aquela que chega a um mundo que a precede; e “educabilidade”, tomando a Educação como relacional e dialógica, para além da escolarização e possível “não apenas para nos adaptar mas sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a” (FREIRE, 1996, p. 35); foram essenciais para investigar e compreender as relações de crianças na/com a cidade e as (trans)formações derivadas dessas experiências.

Do ponto de vista metodológico, alguns dispositivos foram se apresentando e/ou sendo dispensados para a produção de conhecimento sobre tal realidade. Dentre registros fotográficos, gravações, narrativas dos sujeitos em entrevistas compreensivas, mediações literárias, de escrita e desenhos, destaco para esse trabalho a importância do caderno de campo e da literatura.

O caderno de campo teve como objetivo mais do que documentar os acontecimentos do cotidiano investigado - foi um dispositivo reflexivo sobre os eventos descritos, documentando o dia a dia da pesquisa de natureza etnográfica. Isto é, as construções teóricas e metodológicas caminharam conjuntamente com a produção de dados, embora tenhamos clareza que os dados foram produzidos no complexo cotidiano de uma pesquisa com os outros, principalmente quando o outro da pesquisa é a outra, a criança.

A literatura no conjunto de acontecimentos de nossos encontros foi um mote aglutinador de nossos diálogos; fomos experienciando a relação com a leitura literária de maneira sensível, ética e estética em suas qualidades dialéticas e dialógicas. Assim, nosso conhecimento de mundo foi ampliando-se na mediação literária (CORSINO, 2014), enquanto a criatividade, imaginação e arte faziam emergir substâncias de nossas conversas e reflexões, de maneira que histórias, poemas e imagens deslocaram e despertaram os olhares deleitosos que acompanhavam nossos encontros. Olhares que começaram a apreender, contar e recontar sobre si mesmas, sobre outras e outros e o mundo que as cerca, compreendendo com a leitura literária a própria experiência humana.

Trago uma das obras que fizeram parte das propostas junto às crianças. “O limpador de placas” (FETH e BORATYNSKI, 1997). Essa leitura feita com as crianças, buscou provocar outros olhares para a cidade, em que essa pudesse ser também compreendida como (con)texto de seus processos formativos, constitutivos de suas identidades e pertencimentos. Então, a polissemia e polifonia citadinas e os sentidos que evocam nas infâncias foram abordados nesse livro sensível em que o personagem foi aprendendo com a cidade a (re)conhecer-se como sujeito aprendente na/com a cidade, além de ter provocado um belo registro gráfico de como esse encontro trouxe novas/outras experiências espaciais e políticas para nosso grupo, de onde ecoavam as *vozes* pelas quais fui compreendendo com Bakhtin (1997, p. 413) que “não há palavra que seja a primeira ou a última, e não há limites para o contexto dialógico (este perde-se em um passado ilimitado e num futuro ilimitado)”.

Assim, os sentidos foram renovando-se nos encontros, nas relações e nos diálogos, vez por vez ante às nossas condições flutuantes de investigação em espaço aberto, temporalidades e espacialidades, tão típicas da vivência urbana – nossas experiências (re)contextualizadas. Isto é, a obra que nos trouxe ao conhecimento a história desse curioso limpador de placas foi escrita originalmente na língua alemã, no ano de 1995 e provocou em nossos diálogos outros sentidos que compartilhamos no encontro seguinte com outro grupo que se formava, sem que, com isso, interrompêssemos o fluxo da história. Ao contrário, pensando em diálogo estreito com Bakhtin (1997) e Benjamin (1987), complexificando permanentemente, ainda, esse diálogo com outras autoras e autores (LEFEBVRE, 2001; ARENDT, 1997; FREIRE, 1996); foi possível experienciar com a literatura encontros e enunciações políticas que ampliavam nossas vivências, a medida em que criávamos outras histórias, outras culturas, diferentes experiências urbanas. A passagem do caderno de campo narra a experiência do passeio:

(...) em diálogo com a história do limpador de placas, lembramos sobre o passeio que faríamos essa semana pelo condomínio, buscando se havia e quais seriam suas placas. Porém, no momento anterior a esse, inspirada nos poemas de Ruth Rocha (2016), escolhi levar alguns metros de plástico bolha e comentei a intenção de presentear-las para brincarmos. Contudo, enquanto eu pensava separadamente nas duas propostas (a nova proposta sugerida da brincadeira e a proposta do passeio da semana anterior), compartilhei com o grupo o meu receio sobre o tempo que ainda tínhamos disponível hoje.

Foi quando uma das meninas sugeriu que poderíamos ir andando pelo condomínio com nosso pedaço de plástico bolha na mão, estourando, enquanto íamos fazendo o reconhecimento do condomínio e a contagem das placas que achávamos nele. Eu brinquei se íamos fazer a excursão da bolha e ela respondeu que seríamos a “turma do plástico bolha”.

Após algumas tensões e discussões sobre os modos de partilharmos essas experiências, passeamos pelo condomínio, contando e lendo sobre as placas, conversando sobre o significado de cada uma, enquanto estourávamos as bolhas dos pedaços de plástico que cada um/a tinha consigo.

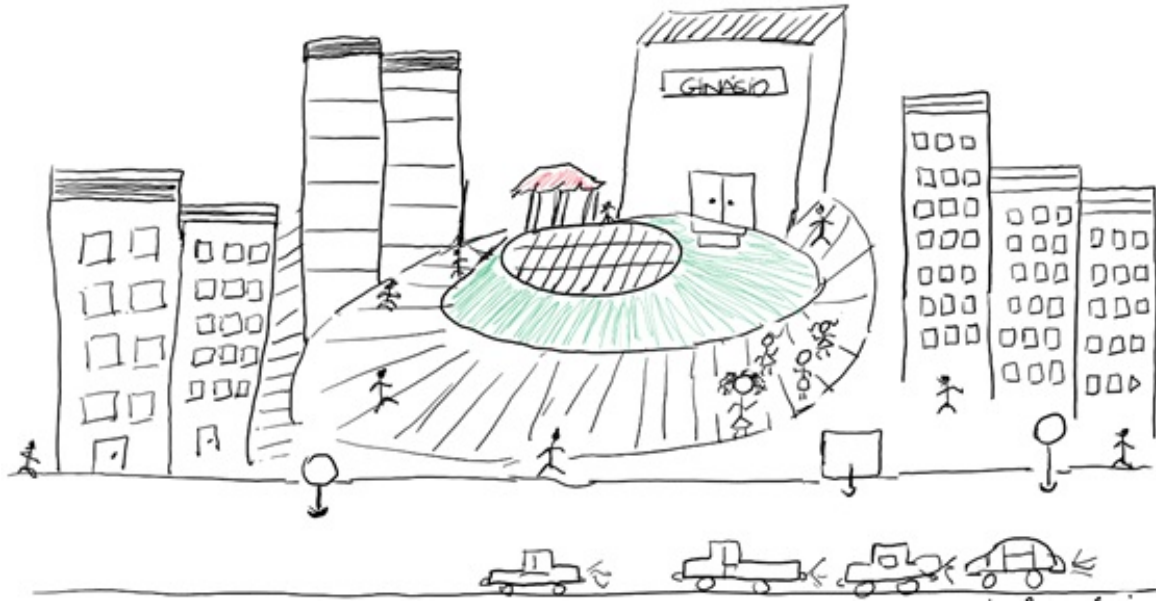
Começamos pela sede da guarda e lemos suas placas. Os “guardas” ficaram desconfiados de nosso movimento de passar ali na frente e olhar para a fachada do prédio, então se dirigiram a mim perguntando se poderiam nos ajudar em alguma coisa. Eu os respondi que estávamos fazendo um passeio no condomínio para ver as placas e pensarmos na pesquisa que vinha se construindo no condomínio. Eles, os guardas, continuaram nos acompanhando com seus olhares cismados, esperando que algo mais acontecesse. Confesso que eu também esperava... queria um convite para as crianças entrarem e conhecerem a sede da Guarda Municipal, que está inserida no condomínio onde são moradoras. Isso não aconteceu.

Passamos para o prédio seguinte, onde fica a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social. As placas em frente eram alguns cartazes em folha A4 para auxiliar os possíveis visitantes/usuários. Para as crianças e para mim, contudo, nos pareceu um lugar sem identificação sobre o qual não conseguiríamos tecer alguma impressão, exceto tivéssemos conseguido alguma conversa com outras pessoas que lá trabalhassem, ou mesmo fossem buscar atendimento. Embora eu as tenha explicado o que funcionava ali, por conta de uma visita anterior.

Fomos em direção aos setores 4 e 5, passando pela parte da frente do condomínio com o intuito de ver as placas das escolas, a UMEI e a de Ensino Fundamental. As crianças leram a placa com o nome da UMEI e

pediram que continuássemos até a frente dos setores, isto é, exploramos até o final uma das ruas principais do condomínio que está paralela à rua principal do bairro.
(Registro retirado do caderno de campo em 31/07/2019).

Representação do passeio com as crianças



Fonte: Arquivo pessoal

Outros títulos de literatura nos acompanharam nesse processo de investigar e compreender, nas aproximações, as leituras que as crianças compartilham dos modos de organização e fruição da cidade. Tínhamos diferentes perspectivas e vivências com esse território, transfiguradas no acontecimento de nossas relações, nos abrindo a um território “outro”. Essa dimensão comunicativa, então, estava inscrita na condição de pesquisar com as crianças do condomínio, na/com a cidade. Através dela foi possível construir nossos diálogos que aconteciam entre as diferentes culturas, modos e experimentações do território.

A pandemia, contudo, afetou sobremaneira a pesquisa, enquanto a vida em todos os âmbitos, sofreu mudanças de hábitos, sociabilidade, economia etc. Logo, em março de 2020 foi instituído distanciamento social, suspensão de atividades escolares, comerciais, restringindo a vida pública ao essencial. Portanto, essa pesquisa que se desenvolveu a partir de uma escolha metodológica etnográfica, não pôde dar continuidade aos encontros com as crianças do condomínio. Algumas tentativas foram feitas para que nossos encontros acontecessem de maneira remota, porém sem sucesso.

Continuo, então, evocando a importância de pensarmos as relações implicadas entre infâncias e cidade, enquanto assumo com Freire (s/d) na epígrafe o sonho e a alegria de *devolver as crianças às ruas*, sobrevivendo e aguardando esses tempos de crise sanitária e assombro com tantas perdas de vidas humanas com esperança.

Dentre os *sonhos* que sofreram essa aparente imaterialização, um deles foi a conclusão desse trabalho. O caminho foi longo e cheio de interditos desde a qualificação que aconteceu em 2020. Contudo, a cidade ainda estava presente como lugar de encontros, desencontros, como materialidade e simbolismos; o cerne para pensar as complexidades das relações contemporâneas entre educação e sociedade. Isto é, problematizar a ausência de uma educação espacial que se compreenda política.

O que esse processo de pesquisa reafirmou em minhas experiências investigativas é que pesquisar a cidade e com crianças constitui um caminho cheio de desvios, obstáculos,

retornos, mas que avançam, na minha compreensão, sobre a potência que os saberes infantis têm sobre a maneira que interrogamos o território. Embora *eu sonhe* que as questões que emergem da relação entre infâncias e cidade possam contribuir na formação de uma sociedade menos desigual, tenho também clareza que há muitas pesquisas por nascer sob nossos pés e muitos caminhos investigativos a serem construídos com as crianças; não a partir de respostas, mas de outras/novas interrogações produzidas no encontro e reconhecimento com seus saberes, pelos quais compreendo a necessidade de continuar lançando à cidade perguntas, que constituem esses caminhos de pesquisa e que envolvem as crianças e suas construções espaciais inscritas em um tempo. Tempo que, como o conhecimento, é dotado de transitoriedade, da condição de inacabamento humana, da própria ação das crianças no mundo em sua natalidade; pela qual criam inesgotáveis mundos. Mundos esses que ainda precisam ser interrogados.

Referências

ARENDT, H. **A condição humana**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas II: rua de mão única**. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

CASTRO, L. R. D. **O futuro da infância e outros escritos**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

CORSINO, P. (.). **Travessias da literatura na escola**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

FETH, M.; BORATYNSKI, A. **O limpador de placas**. São Paulo: Brinque-Book, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. [S.l.]: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **A rua**. [S.l.]: [s.n.], s/d. Disponível em:<<https://www.pautaonline.com.br/blog/o-conceito-de-cidades-educadoras-em-bairros-brasileiros/2221>>. Acesso em: 22 jun. 2021.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

MASSERA, S. B. **História de uma linha**. 1ª. ed. São Paulo: Quatro Cantos, 2015. Ilustrações Sílvia Amstalden.

ROCHA, R. **Novas duas dúzias de coisinhas à toa que deixam a gente feliz: à moda de Otávio Roth**. São Paulo: Salamandra, 2016.